

CERÂMICAS MUÇULMANAS DO CASTELO DE PALMELA

Isabel Cristina F. FERNANDES,
A. Rafael CARVALHO

Résumé : On présente l'étude du matériel archéologique le plus éblouissant provenant du château de Palmela (au Sud de Lisbonne), recueilli en contexte stratigraphique cohérent. Il s'agit d'un ensemble de céramiques musulmanes qu'on peut situer entre les VIII/IXe et XIIe siècles. Pour les périodes wisigothique et de transition à l'occupation musulmane, on montre quelques pièces dont les caractéristiques formelles survivent jusqu'au IXe siècle. Après, s'accroissent les particularités productives locales et régionales qui donnent d'intéressantes lectures du point de vue esthétique et fonctionnel.

On reconnaît des affinités typologiques et décoratives avec des pièces islamiques du Baixo-Sado (Alcácer do Sal) et du Alentejo (Silves, Mértola, Mesas do Castelinho).

Ponctuellement, on remarque des importations de céramiques fines à glaçure ou émaillées.

1. INTRODUÇÃO

A investigação arqueológica no Castelo insere-se num programa mais vasto denominado PRAC - Programa de Recuperação e de Animação do Castelo¹. Este programa previu, desde o início, a intervenção da arqueologia nas áreas do monumento que seriam objecto de obras de recuperação, de consolidação ou de adaptação. Na 1ª fase do PRAC, agora concluída, os trabalhos de escavação arqueológica incidiram essencialmente na zona da Pç. de Armas, onde antes se localizava a alcáçova, no interior dos aquartelamentos do séc. XVII, conhecidos pela designação de "Galerias".

Os resultados das intervenções efectuadas na Galeria 1, 4 e 5 permitiram-nos concluir da presença muçulmana em Palmela desde os primórdios da ocupação peninsular, prolongando-se até cerca de 1210, altura em que a cristandade a recupera definitivamente.

Da permanência do islâmico, nas vertentes culturais do quotidiano, subsistem testemunhos até ao séc.XV, tanto no Castelo como na povoação e no espaço rural.

2. CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO

O conjunto de cerâmicas seleccionado para este estudo provém das galerias 1, 4 e 5. As escavações sistemáticas empreendidas nestes espaços possibilitaram a exumação, em contexto estratigráfico coerente, das peças que apresentamos. Para a escolha destas cerâmicas seguimos, como critérios principais, a representatividade e a originalidade de algumas, de cariz local / regional, destacando os aspectos formais e técnicos que as caracterizam e a similaridade de outras com espécies que podemos encontrar por todo o mundo muçulmano ocidental, sublinhando embora, nalguns casos, as diferenças cronológicas propostas.

Neste estudo, não exaustivo, privilegiámos a procura de paralelos com arqueosítios do Garb Al-Andalus, particularmente Silves, Mértola e Alcácer do Sal.

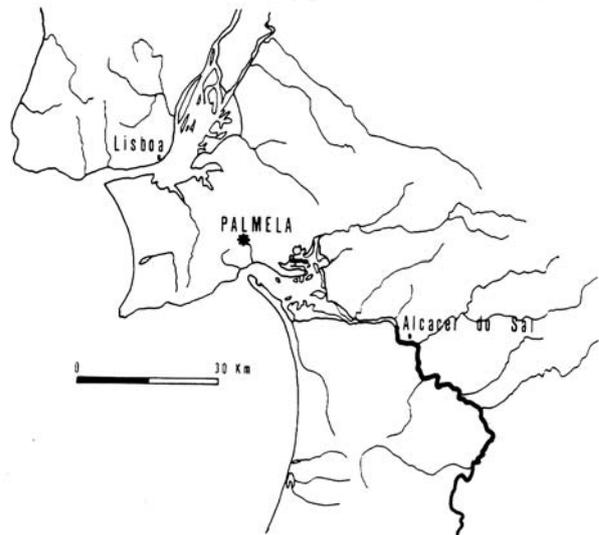


Fig. 1 : Localização do Castelo de Palmela, entre o Tejo e o Sado.

Da Galeria 1 temos cerâmicas provenientes da camada 5B e 12A. O nível 12 A corresponde a um compartimento, que será desactivado em meados do séc. IX e que continha cerâmicas dos séc. VIII-IX. O nível 5B corresponde a uma vala de construção de um muro de finais do séc. IX / inícios do X.

Na Galeria 4 eram os níveis 5,6,10 e 15A que continham algumas das cerâmicas estudadas. O nível 15A é o enchimento de um silo circular com a base e as paredes escavadas na rocha. Este e outros dois silos associados poderão corresponder aos níveis visigóticos do castelo.

A camada 10 era formada por entulhos de pedras de várias dimensões com restos ósseos calcinados e os níveis 6, com muita cerâmica e pedras, mostravam momentos distintos de

¹ O PRAC é da iniciativa da Câmara Municipal de Palmela e contou com a colaboração do IPPAR.

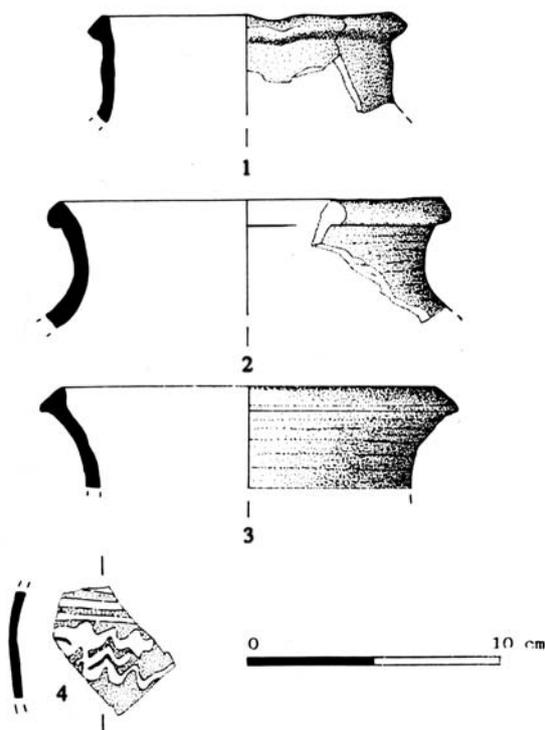


Fig. 2 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. VI a VIII.

ocupação do espaço.

As cerâmicas provenientes da galeria 5 localizavam-se nos níveis 10A, 10B, 11B, 12, 13, 14, 16 e 18 .

Da camada 16 proveio uma amostra de madeira carbonizada, para a qual foi feita datação pelo radiocarbono (ICEN/1154) tendo-se obtido o resultado de 1180 +/- 100 B.P. A calibração da data forneceu a intersecção em 883 CAL AD ² sendo 773-978 CAL AD o intervalo de maior probabilidade. A datação proposta pela leitura estratigráfica para esta camada situa-se nos séc. IX-X, o que parece enquadrar-se nas probabilidades da datação pelo radiocarbono.

Para a camada 10B foi igualmente feita análise pelo radiocarbono, de uma amostra de ossos de animal, obtendo-se a datação 990 +/- 40 (ICEN- 1108), com um intervalo de maior probabilidade em 1013-1042 CAL AD ³. O contexto correspondente à camada 10A deverá, pois, situar-se no séc. XI (1ª metade), como a sequência estratigráfica fazia supôr.

3. AS CERÂMICAS

3.1. CERÂMICAS DOS SÉC. VI / VIII

Neste horizonte cronológico inserimos as cerâmicas n.ºs 1, 2, 3 e 4. Como teremos ocasião de analisar, é legítimo sugerir para as peças n.ºs 1 a 3 uma gênese mais recuada, coeva do final da ocupação visigótica.

A peça n.º 1, bordo de bilha e a n.º 2, bordo de panela, feitas a torno lento, grosseiras, podem corresponder às produções locais de Palmela, na continuação de modelos provenientes da ocupação visigótica e cuja tradição, no contexto estratigráfico do castelo, irá perdurar até meados do séc. IX.

Privilegiando a pesquisa de paralelos em contextos estratigráficos fiáveis, para níveis cronológicos visigóticos, verificam-se algumas semelhanças entre as peças n.ºs 1 e 2 e outras provenientes, nomeadamente, de Recopolis (C.E.V.P.P. 1991 : 57). No Garb Al-Andalus dois conjuntos com características similares a Palmela podem ser encontrados nos níveis alto-medievais de Milreu (Estoi) e de Silves.

No primeiro caso, segundo F. Teicher (1995 : 95), as cerâmicas a torno lento e de bordos tipologicamente semelhantes aos de Palmela (peças 28 a 43), foram inseridas no início da ocupação islâmica, realçando a dificuldade em datá-las e reconhecendo-lhes afinidades com peças visigóticas exumadas, por exemplo, em Cancho del Confesionario (Prov. Madrid). Os dados de Palmela parecem confirmar esta suposição.

Para o caso de Silves, identificamos semelhanças do tipo de bordo da peça 2 do com o de exemplares exumados num contexto visigótico dos séc. VI-VII (Gomes 1989 : 294). Noutro artigo (Gomes 1995 : 19) são referenciadas essas e outras peças como pertencendo possivelmente a produções bizantinas. A bilha n.º 3 exibe atributos similares aos atrás descritos.

A peça n.º 4 poderá já corresponder ao horizonte seguinte - séc. VIII-IX, proposto para a fase do Emirato, da primeira ocupação do Castelo de Palmela. São evidentes algumas características da peça que determinam a sua origem muçulmana, marcando o terminus do enchimento do silo onde foi encontrada.

3.2. CERÂMICAS DOS SÉC. VIII-IX

No horizonte cronológico dos séc. VIII-IX, em longa medida coincidente com o período do Emirato de Córdoba, foram inseridas as cerâmicas do n.º 5 ao n.º 26 . Revelam origens e tipos de fabrico muito heterogêneos, desde as delicadas produções de pasta creme e decoração a vermelho / laranja, até às cerâmicas grosseiras de fabrico a torno lento, de origem regional.

A peça n.º 5 corresponde a um fragmento esmaltado policromo. Apresenta um programa decorativo de reticulado castanho, sobre uma superfície em esmalte esverdeado. Esta técnica decorativa aparece nalgumas cerâmicas exumadas em contextos cronologicamente idênticos, como no caso da peça 8 do catálogo.

Datada de finais do séc. VIII, inícios do IX, poder-se-à atribuir-lhe uma proveniência oriental, tal como é sugerido para algumas cerâmicas policromas de Silves (Gomes : 24).

A peça n.º 6 exibe na face externa motivo inciso representando uma folha de palmeira. Para a antiguidade tardia e o muçulmano inicial, podemos encontrar, em algumas cerâmicas de transição do levante peninsular, motivos semelhantes que André Bazzana considerou de influência cristã (Bazzana 1992 : 2, Pl. XVI).

As cerâmicas n.ºs 7 a 10, fabricadas em pastas creme ou rosa-creme, muito depuradas, apresentam programas decorativos pintados em cor vermelha/laranja à excepção da peça n.º 10. Estes tipos de pasta e de decoração haviam já sido divulgados pelos autores para peças da galeria 4 e com a mesma integração temporal (Fernandes 1993 : 43 e 45).

Conhecem-se cerâmicas com esta técnica decorativa, tanto em formas fechadas como abertas, provenientes de Silves (Gomes : 24 a 30) e que foram enquadradas no séc. VIII.

A sequência estratigráfica de Palmela permite suportar a hipóte-

² Na datação calibrada foi utilizada a curva de Stuiver e Pearson ("Radiocarbon", 35 (1), 1993 : 1-23).

³ Na datação calibrada foi utilizada a curva de Stuiver e Pearson ("Radiocarbon", 35 (1), 1993 : 1-23).

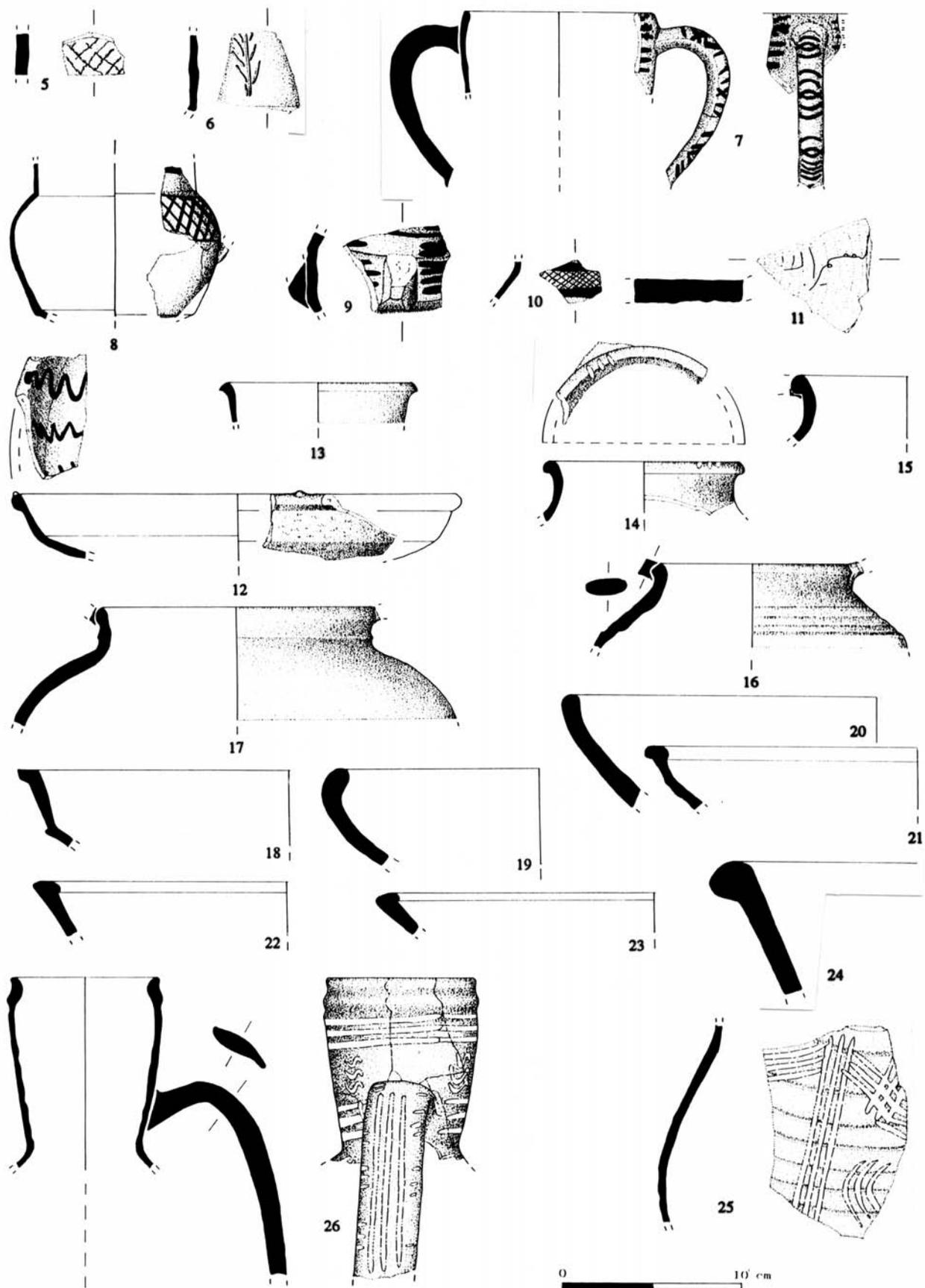


Fig. 3 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. VIII-IX.

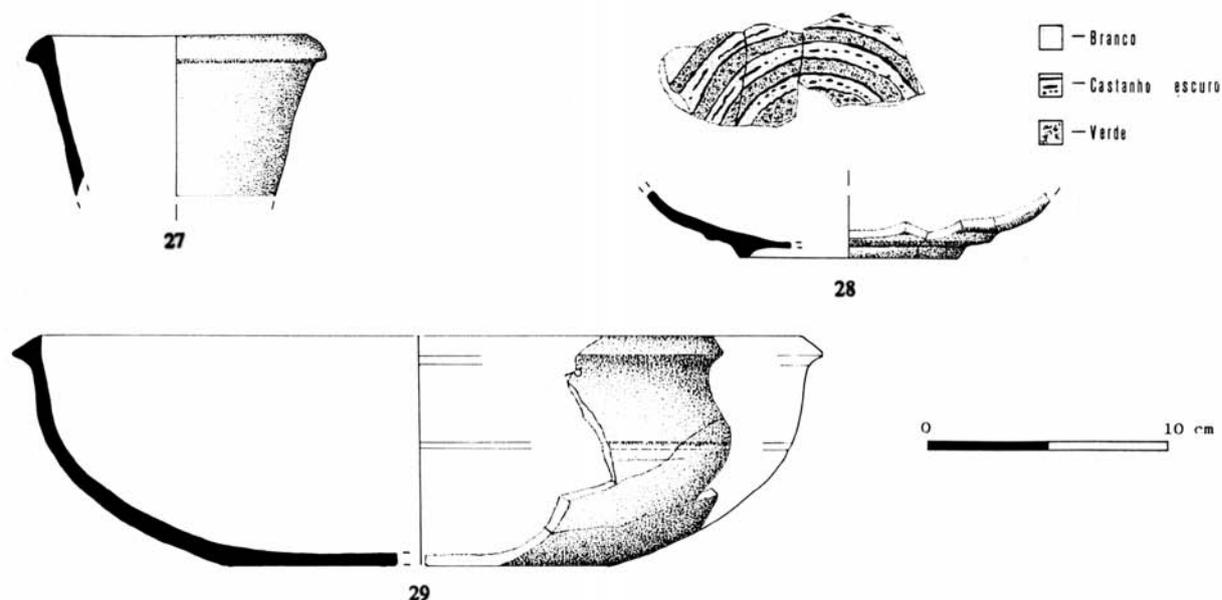


Fig. 4 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. IX-X.

se de essas peças remontarem a finais do séc. VIII/ inícios do IX, estando ausentes na camada de base do início da ocupação muçulmana do Castelo. Desaparecem após o séc. IX e dão lugar a imitações em pastas, igualmente depuradas mas com uma cozedura mais redutora (nºs 27 a 31). Este tipo de cerâmicas finas foi exumado no Castelo de Alcácer do Sal, mas destituído de contexto estratigráfico (Carvalho 1994 : 101 a 105) em Mértola e no Cerro da Vila, inseridas nos séc. IX-X (Matos 1991 : 446 ; Torres 1991 : 502). O nº 11 é um fundo grosseiro de uma peça aberta, epigrafada em árabe.

A taça carenada com o nº 12, de pasta e esmalte pouco cuidados, parece tratar-se de uma produção que segue protótipos do próximo oriente, como nas formas do séc. VIII exumadas em Silves (Gomes). Não será de excluir a sua hipotética produção no Al-Andalus ou Norte Africana.

Para o fragmento de jarra designado por nº 13, de fabrico cuidado, desconhecemos paralelos.

As cerâmicas nºs 14, 15, claramente muçulmanas em termos de programa decorativo, apresentam características morfológicas ao nível do bordo e do colo que são a sobrevivência de modelos bem datados do período visigótico ou da fase de transição (nº 2). O recipiente nº 1 das Mesas do Castelhinho (Guerra 1993 : 95) oferece analogias ao nível formal e de tipo de pasta. As propostas de inserção cronológica, salvaguardadas as reticências dos autores (idem : 99), são igualmente coincidentes : séc. VIII-IX.

Os exemplares nºs 16 e 17 parecem seguir a mesma tradição visigótica.

A taça 18 aproxima-se do tipo de peças carenadas que aparecem em Silves entre os séc. VIII a X e no Cerro da Vila para os séc. IX-X. A de Palmela mostra algumas particularidades regionais igualmente identificadas em Alcácer do Sal. Esta forma, com carena alta, acusada, irá perdurar até tarde. Para os séc. XI-XII temos um exemplar com perfil afim mas coberto a vidrado no exterior e esmaltado internamente (Fernandes 1993 : 50 e 53) e outro de cerâmica comum.

Os nºs 19 e 20 são frigideiras que seguem formas do baixo império, nomeadamente as exumadas no Zambujalinho (Fernandes 1991) e que irão perdurar no Período Visigótico e início da ocupação muçulmana. Algumas variantes similares

apareceram em Silves, datadas do séc. VIII. Ao contrário de Silves, onde aparentemente estas formas desaparecem, em Palmela assiste-se à sua evolução até ao séc. XII. Também em Mesas do Castelhinho (Guerra e 1993 : 97) se encontram muitas afinidades com a peça nº 6, dos séc. VIII-IX.

As formas nºs 21 a 23 subsistirão apenas até ao séc. IX, segundo os dados de que dispomos actualmente. Guerra e Fabião apresentam exemplares (1993 : 97) das Mesas do Castelhinho, do mesmo horizonte cronológico e com perfis análogos aos dos nºs 22 e 23.

O fragmento de bilha com o nº 25 apresenta decoração bastante profusa, da qual realçamos as “meias luas” e o reticulado, tipologia que é seguida no cântaro nº 26. Ao nível decorativo apresentam semelhanças com uma taça exumada na Lapa do Fumo, estudada pelos autores e que foi atribuída aos séc. IX-X (Sesimbra Cultural nº 5, 1996).

3.3. CERÂMICAS DOS SÉC. IX-X

A peça nº 27 é um fragmento de bordo de jarro, de pasta rosa, depurada. Parece tratar-se da continuação da produção das cerâmicas finas decoradas a vermelho, atrás descritas. É possível que se trate das primeiras produções no Al-andalus, que se prolongarão no séc. X.

O fundo de taça com o nº 28 apresenta na face interna um programa decorativo simples, em verde e manganés, pouco cuidado na separação das cores. A nossa proposta de inclusão da peça nos séc. IX/X baseia-se na leitura fornecida pela datação de radiocarbono, na dinâmica estratigráfica identificada e no conjunto de espólio a ela associado. As bandas concêntricas poderiam cingir-se à zona central da peça ou desenvolverem-se noutros elementos decorativos, como podemos observar em exemplares datados do séc. XI (Macias 1994 : 13). Em Silves (Gomes 1995 : 20) encontramos uma peça tipologicamente similar ao nosso exemplar, mas com decoração diversa, datada do séc. VIII e atribuída a oficinas orientais. Quanto ao motivo decorativo existe uma taça parecida (Gomes : 20), em tons verde e negro. Também em Mértola se encontram motivos idênticos (Martinez 1995 : 119) e que, segundo a

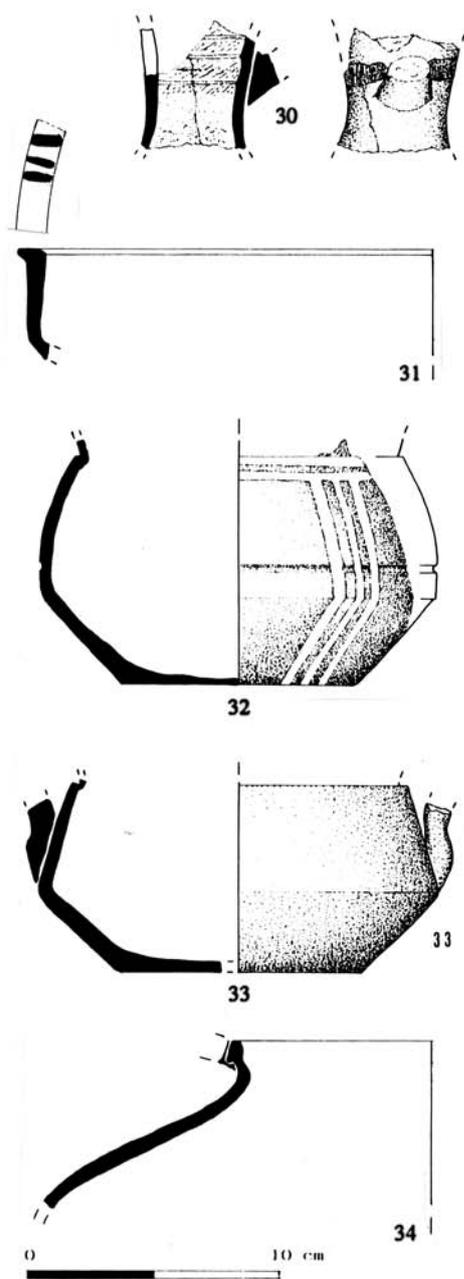


Fig. 5 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. X.

autora, são atribuíveis ao séc. XI. S. Macias refere uma cronologia dos séc. X / XI para uma peça similar de Moura (Macias 1993 : 130).

A taça nº 29 é de uma forma que se encontra não só em Palmela como nos povoados rurais deste período já identificados na região, na Lapa do Fumo (dos autores, Sesimbra Cultural, op.cit.) e no Castelo de Alcácer do Sal. Ganha expressão no séc. IX e irá perdurar até meados do séc. XII, alterando a dimensão e a decoração mas mantendo os atributos tipológicos. Desconhecemo-la fora da região do Baixo Sado, embora reconheçamos analogias das formas mais tardias, do séc. XII de Palmela, com um exemplar de Beja (Correia 1991 : 383), datado de meados desse século.

3.4. CERÂMICAS DO SÉC. X

A Bilha nº 30 apresenta no colo decoração em corda seca parcial com vidrado verde. Há semelhanças a um exemplar datado do séc. XI, de Mértola (Torres 1991 : 505).

A taça nº 31 dispõe do mesmo tipo de pasta das cerâmicas finas dos séc. VIII/IX, já descritas, podendo também tratar-se de uma produção do Al-Andalus.

Os nºs 32 e 33 são púcaros com características morfológicas que mostram a sua evolução de modelos dos séculos VIII-IX. A posição estratigráfica e os próprios atributos tipológicos autorizam-nos a datá-los do séc. X. Foram identificados paralelos no Cerro da Vila (Matos 1991 : 444 e 445), datados dos séc. IX-X. Esta forma perdura em Palmela com outras variantes até finais do séc. XI - inícios do XII.

A panela nº 34, com bojo de tendência esférica, é idêntica à estudada por nós, da Lapa do Fumo.

3.5. CERÂMICAS DOS SÉC. X-XI

O nº 35, fragmento de corda seca parcial, tem similares no Al-Andalus, em Mértola, numa peça datada do séc. XII (Torres 1987).

Para as peças 36 e 37 não temos paralelos precisos no âmbito cronológico proposto.

A taça vidrada a verde, nº 38, possui boas afinidades com peças de Toledo, do séc. XI (Aguado 1990 : 125). Doutra fôrma de Toledo provêm taças vidradas idênticas mas que apresentam o lábio plano, enquadráveis na 1ª metade do séc. XI (Lillo 1990 : 60).

O nº 39 mostra uma decoração original, em rendilhado.

Para o conjunto de peças 40 a 45 as similitudes apresentam-se apenas com cerâmicas de povoados rurais da região de Palmela e de Alcácer do Sal. Trata-se do estágio evolutivo para os séc. X-XI do conjunto tipológico de que provêm os já citados modelos tardo-romanos e muçulmanos iniciais. A forma, de bordo inflectido para o interior, das peças 42 e 44, ainda que com algumas variantes, subsistirá até pelo menos ao séc. XII.

Para o nº 45 são visíveis semelhanças formais com a peça 18 e com outras de Silves, inseridas nesse período (Gomes : 26). Esta forma, em Palmela, irá evoluir até ao período Almoadá.

3.6. CERÂMICAS DO SÉC. XI

O púcaro com o nº 46 é uma forma que evolui a partir do séc. VIII e vai manter algumas das suas características até meados do séc. XII, tal como os nºs 32, 33, 56 e 57.

O conjunto de panelinhas nºs 47, 48 e 49, com diversas técnicas de acabamento, assemelham-se muito a cerâmicas exumadas na região de Madrid e de Toledo, nomeadamente a um conjunto que apareceu associado a fornos de meados do séc. XI (Lillo : 59).

Os caracteres dominantes do cântaro 50 e da panela 51 apresentam alguma similaridade com exemplares de Mértola e de Alcaria Longa.

As formas 52 e 53 são de momento conhecidas no Castelo de

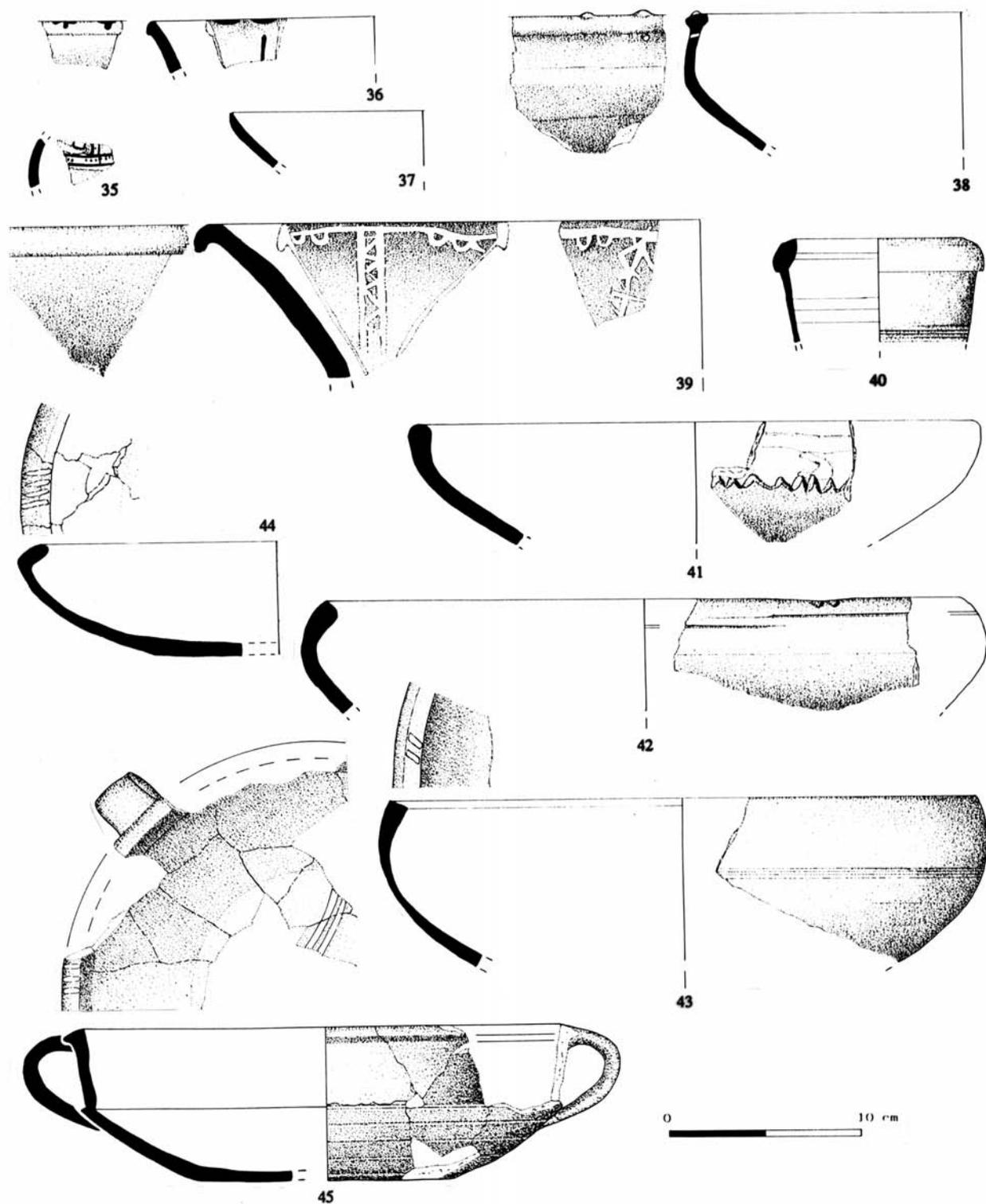


Fig. 6 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. X-XI.

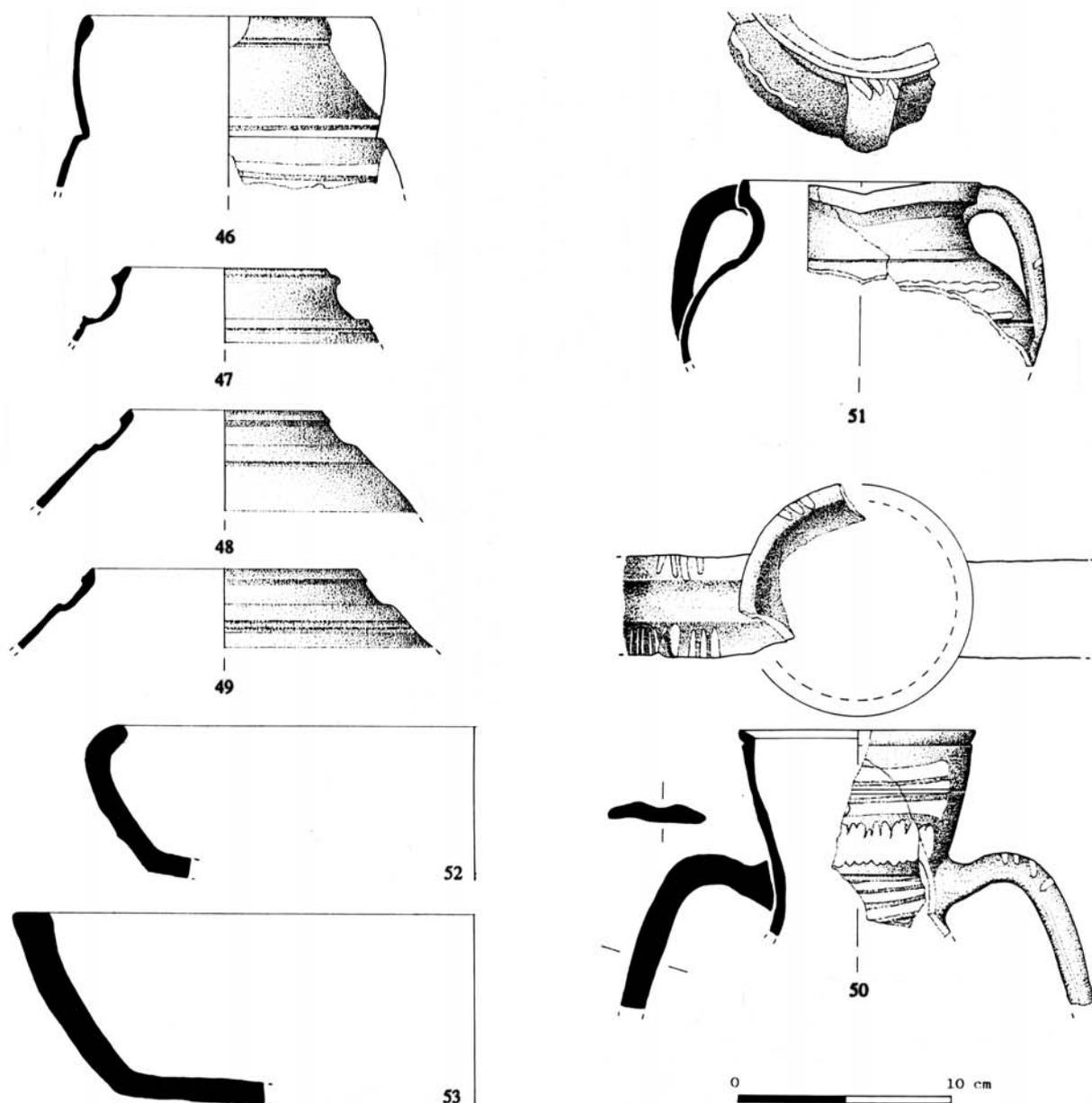


Fig. 7 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. XI.

Palmela e numa das alcarias muçulmanas da região, tratando-se de peças que irão desaparecer quase por completo com o advento da conquista cristã.

3.7. CERÂMICAS DOS SÉC. XI - XII

A cronologia da peça 54, estampilhada, foi aferida a partir da estratigrafia. De Toledo conhecem-se estampilhas idênticas, do séc. XI (Aguado 1990 : 125 e 129).

O nº 55 é um fragmento de queimador, vidrado.

O nº 58 tem paralelos em alguidares recolhidos em níveis Almorávidas e Almoadas de Silves (Gomes 1988 : 218, 267) e de Alcácer do Sal.

Os fragmentos 59A e 59B poderão pertencer à mesma peça decorada a corda seca total que utiliza esmalte dourado. No alguidar 60 é notória a preocupação decorativa que conferiu à peça uma certa valorização estética.

4. CONCLUSÕES

A amostra das cerâmicas estudadas cobre o horizonte cronológico proposto para a ocupação do Castelo de Palmela até à recuperação cristã. Por enquanto, as escavações não permitiram constatar estratigraficamente presenças anteriores à visigoda. Neste quadro de domínio do castelo pelos muçul-

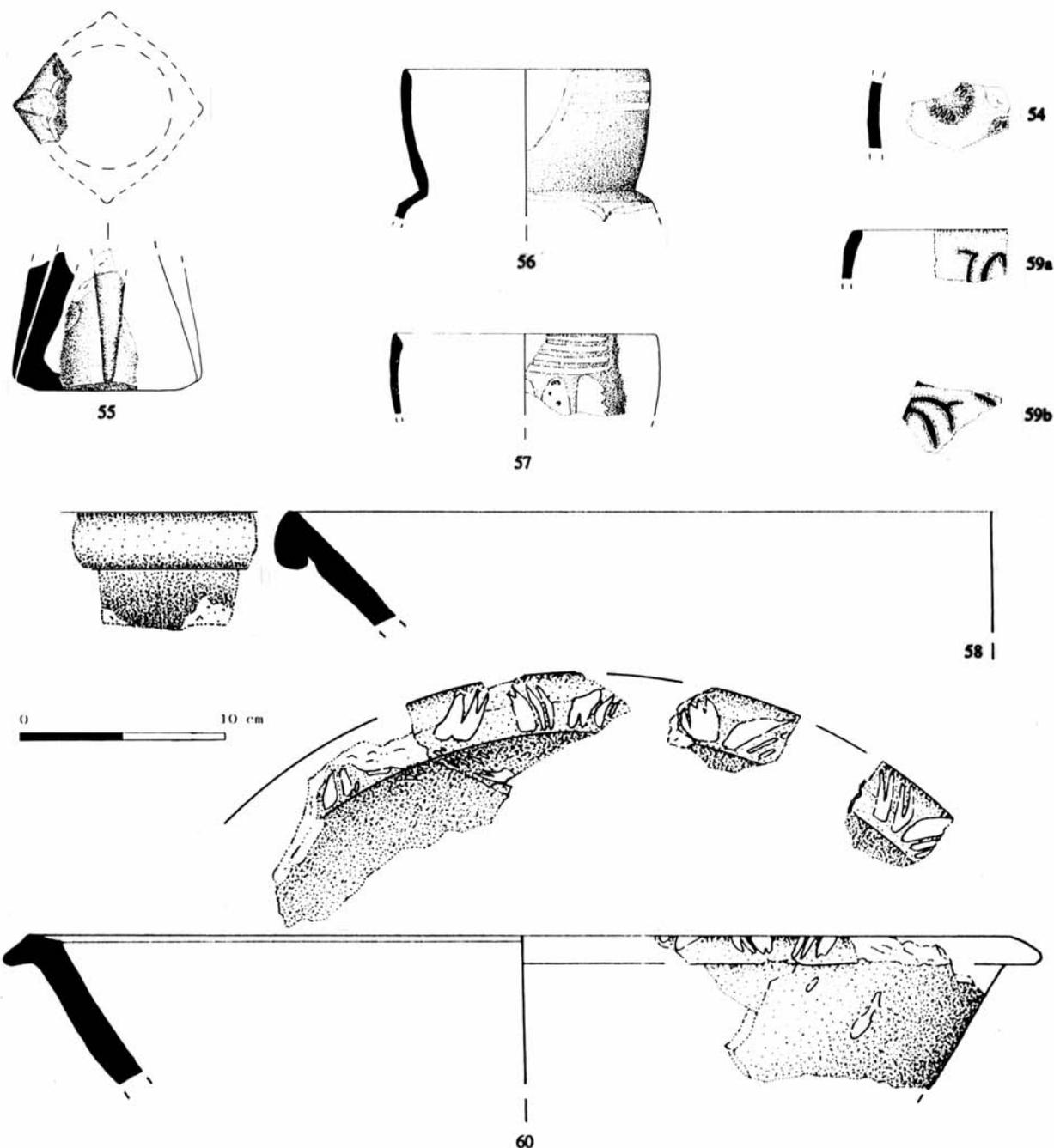


Fig. 8 : Cerâmicas Muçulmanas : séc. XI-XII.

manos, entre os séc. VIII / IX e XII, a fâcies socio-cultural deste povo, transmitida pelos utensílios de cozinha, de mesa e de armazenagem, é o legado arqueológico mais relevante. Foi possível perceber a sobrevivência, até ao séc. IX, de algumas formas cerâmicas de origem visigótica e com influências bizantinas. Só raramente perduram além desse período. Gradualmente definem-se as produções locais e regionais que não deixam de absorver os conhecimentos técnico-artísticos anteriores, mas que vão acentuando novos detalhes de fabrico que as distinguirão, ligados a outros gostos, a outras necessidades funcionais impostas talvez por alterações nas dietas ali-

mentares ou pela evolução prática das técnicas oleiras.

Para esta fase inicial da ocupação muçulmana limitamo-nos a verificar afinidades com algumas peças do Garb, provenientes de Alcácer, Silves, Mértola, Cerro da Vila e Mesas do Castelinho. A partir do séc. IX, ao adquirirem as especificidades que antes referimos, só encontram semelhanças pontuais em peças de Alcácer e de Sesimbra. É natural que verifiquemos alguma homogeneidade cultural na região do Baixo Sado, considerando a vertente histórico-militar da ocupação islâmica durante o Emirato e a Taifa de Badajoz, de idêntico impacto e influência nas diversas povoações desta área.

Entre os finais do séc. IX e o séc. X identifica-se a presença em Palmela de algumas cerâmicas que poderão provir de centros oleiros do Al-Andalus. Refiram-se os modelos que acompanham formas fabricadas na Marca Média (Toledo, Madrid). No caso da peça nº 54, poderá tratar-se de uma importação dessa região.

Outras importações, apesar de pouco significativas em relação ao elevado conjunto exumado, são as cerâmicas finas e vidradas ou esmaltadas, decerto oriundas do Oriente e do Norte de África, desde os séculos VIII-IX. Sobressai, dalgum modo, a importância socio-económica da Palmela Emiratal, os seus benefícios marítimos determinados pela proximidade da costa e do estuário do Sado, cujo domínio partilharia com Alcácer.

BIBLIOGRAFIA

- Boone 1993** : BOONE (J.).— The Third Season of the Excavations at Alcária longa. *Arqueologia Medieval*, 3, Porto, 1993, p. 111-126.
- C.E.V.P.P. 1991** : Cerâmicas de Época Visigoda na Península Ibérica - Precedentes e Perduraciones. *In* : Actas do IV Congresso Internacional “ A Cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental “. C. Arq. Mértola, Mértola, 1991, p. 49-68.
- Carvalho 1994** : CARVALHO (A. R.), FÁRIA (J. C.).— Cerâmicas Muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal. *Arqueologia Medieval* 3, 1994, p. 101-111.
- Carvalho 1995** : CARVALHO (A. R.) FERNANDES (I. C.).— Algumas Cerâmicas Muçulmanas da Lapa do Fumo, Sesimbra Cultural, nº 5 (no prelo).
- Catarino 1989** : CATARINO (H.).— Os Sistemas Defensivos Muçulmanos do Algarve Oriental e O Castelo Velho de Alcoutim. *In* : Actas do III Congresso de Arqueologia Medieval Española, Oviedo, 1989, p. 296-302.
- Correia 1991** : CORREIA (F. B.).— Um Conjunto Cerâmico Árabe-Medieval de Beja. *In* : Actas do IV Congresso Internacional “ A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental”, C. Arq. Mértola, Mértola, 1991, p. 373-386.
- Fernandes 1993** : FERNANDES (I. C.), CARVALHO (A. R.).— Arqueologia em Palmela, 1988/93. Catálogo da Exposição, Câm. Mun. Palmela, Palmela, 1993.
- Fernandes 1995b** : FERNANDES (I. C.), CARVALHO (A. R.).— Cerâmicas Baixo-Medievais da casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela). *In* : Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval- Métodos e Resultados para o seu Estudo, Câm. Mun. Tondela, Porto, 1995, p. 77-96.
- Fernandes 1997** : FERNANDES (I. C.), CARVALHO (A. R.).— Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval* 5 Porto p. 221-242.
- Gomes 1988** : GOMES (R. V.).— Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, Xelb 1, Câmara Municipal de Silves, 1988.
- Gomes 1991** : GOMES (R. V.).— Cerâmicas Muçulmanas Orientais e Orientalizantes do Castelo de Silves (Peças Esmaltadas, Polícromas e de Reflexo Metálico). Estudos Orientais II, Lisboa, 1991, p. 13-40.
- Gomes 1995** : GOMES (R. V.).— Cerâmicas Muçulmanas de Silves, dos Séculos VIII e IX. *In* : Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - Métodos e Resultados para o seu Estudo, C.M. Tondela, Porto, 1995, p. 19-32.
- Khawli 1993** : KHAWLI (A.).— Introdução ao Estudo das Vasilhas de Armazenamento de Mértola Islâmica. *Arqueologia Medieval*, 2, Porto, 1993, p. 63-78.
- Lillo 1990** : LILLO (S. M.).— Hornos Califales de Toledo. *In* : Actas do Coloquio “ Fours de Potiers et Testares Médiévaux en Méditerranée Occidentale “. Madrid, 1990, p. 45-61.
- Lloret 1987** : LLORET (S. Gutierrez).— Cerâmicas Comunes Islâmicas de las Comarcas Meridionales de Alicante (siglos VIII-X): Avance para una Tipologia. *Boletim de Arqueologia Medieval*, nº 1, 1987, p. 7-23.
- Macias 1993** : MACIAS (J. A. Perez), BEDIA (J.).— Un Lote de Cerâmica Islâmica de Niebla. *Arqueologia Medieval* 2, Porto, 1993, p. 55-62.
- Martínez 1993** : MARTINEZ (S. Gomez).— La Cerâmica Verde y Morado de Mértola (Portugal). *Arqueologia Medieval* 3, Porto, 1993, p. 113-132.
- Matos 1991** : MATOS (J.L.).— Cerâmica Muçulmana do Cerro da Vila. *In* : Actas do IV Congresso Internacional “ A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental “. C. Arq. Mértola, Mértola, 1991, p. 429-456.
- Paixão 1994** : PAIXÃO (A.C.), FÁRIA (J.C.), CARVALHO (A. R.).— O Castelo de Alcácer do Sal : Um Projecto de Arqueologia Urbana. *In* : Actas do I Encontro de Arqueologia Urbana, Braga Bracara Augusta, vol. XLV, nº 97 (110), pp. 215-264.
- Picard 1994** : PICARD (C.).— Les Etapes de l'Essor des Relations Maritimes sur l'Océan Atlantique entre l'Andalus et le Maghreb Occidental. *Arqueologia Medieval*, 3, Porto, 1994, p. 187-200.
- Teichner 1993** : TEICHNER (F.).— Acerca da Vila Romana de Milreu / Estói. Continuidade da Ocupação na Época Árabe. *Arqueologia Medieval* 3, 1993, p. 89-100.
- Torres 1987** : TORRES (C.), Cerâmica Islâmica Portuguesa, Campo Arq. Mértola, 1987.
- Torres 1991** : TORRES (C.), PALMA (M. P.), REGO (M.), MACIAS (S.), Cerâmica Islâmica de Mértola - Propostas de Cronologia e Funcionalidade. *In* : Actas do IV Congresso internacional “ A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental “. Campo Arq. de Mértola, Lisboa, 1991, p. 497-538.